

O Avô Inverno Ivanovitch¹

Autor - Vladimir F. Odoievski
Tradução de Tanira Castro²

Era uma vez duas irmãs: a Habilidade e a Preguiçosa. Cuidava delas uma ama.

A Habilidade era uma menina inteligente: levantava-se cedo, vestia-se sem a ajuda da ama e começava a trabalhar - acendia o forno, amassava o pão, varria a casa, dava de comer ao galo e ia buscar água no poço.

Enquanto tudo isso fazia a Habilidade, a Preguiçosa ficava na cama, espreguiçando-se, virando-se de um lado para o outro e, quando já não agüentava mais a cama, dizia sonolenta: "Ama, me dá um pedaço de pão..."

Depois de se levantar, dava uns pulinhos e sentava-se à beira da janela a contar as moscas: quantas iam e quantas vinham. Após contá-las, a Preguiçosa já não sabia mais o que fazer: poderia voltar à cama, mas não lhe apetecia dormir; poderia comer, mas não tinha fome; poderia contar moscas, mas já estava farta disso. Sentada, coitadinha, chorava e queixava-se de todos por não ter nada que fazer, como se os outros fossem os culpados.

Nesse meio tempo, a Habilidade foi buscar água no poço e agora filtrava enchendo os jarros. E que engenhosa é: quando via a água pouco limpa, fazia um cartucho de papel, colocava nele carvão e areia grossa, colocava o cartucho no jarro e filtrava a água, que assim pingava no jarro, limpa como cristal. Depois, punha-se a tricotar meias ou a fazer a barra de lenços. Nunca sentia tédio, pois não tinha tempo para isso: trabalhava sempre em qualquer coisa e, para ela, o tempo passava depressa.

Mas certa vez, ocorreu uma desgraça à menina Habilidade: quando estava a tirar água do poço, a corda rebentou, e o balde caiu lá no fundo. Que fazer?

A pobre começou a chorar e foi contar a sua infelicidade à ama, que de tão zangada disse:

— A culpa foi tua. Deixaste cair o balde, agora arranja-te como quiseres.

Nada a fazer. A pobre Habilidade voltou ao poço, amarrou-se à corda do balde e desceu até o fundo. E aconteceu um milagre. Mal desceu, viu um forno com um bolo muito dourado e bem tostadinho. O bolo olhou para ela e disse:

— Estou pronto, dourado, cheio de açúcar e passas. Quem me tirar do forno irá comigo!

A menina Habilidade, sem pensar duas vezes, pegou a pá, tirou o bolo do forno, colocou-o debaixo do braço e continuou o seu caminho. Viu um jardim com uma macieira com maçãs douradas; as maçãs mexiam as folhas e diziam entre si:

— Somos maçãs suculentas, maduras. A raiz da macieira bebe água pura, quem abanar a macieira, pode levar-nos.

A menina Habilidade aproximou-se da árvore, abanou um ramo, e as maçãs douradas caíram-lhe no avental.

Continuou a andar. De repente, viu perante si o Avô Inverno - o Ded Moroz³, muito velhinho, muito branco. Estava sentado num banco de gelo e comia bolinhos de neve. Quando abanava a cabeça, dos seus cabelos caía geada. Quando respirava, da sua boca saía um espesso vapor.

— A, ah! — disse ele. — Viva, Habilidade! Obrigado por este bolinho. Há muito tempo que não comia nada quente.

Sentou-se a menina Habilidade a seu lado e comeram o bolinho e as maçãs douradas.

— Sei o que vieste fazer aqui — disse o Avô Inverno. — Deixaste cair o balde no meu poço. Dou-te o balde, mas terás de servir-me durante três dias. Se trabalhares bem, só ganharás com isso; mas se te mostrares preguiçosa, não te invejo a sorte. Agora — acrescentou o Avô Inverno, — preciso descansar. Faz-me a cama e bate bem o colchão.

A menina Habilidade obedeceu. Dirigiram-se para a casa do Avô Inverno, que era toda de gelo: as portas, as janelinhas e o chão. As paredes estavam enfeitadas com estrelinhas de neve; o sol iluminava-as, e toda a casa brilhava como diamantes. Na cama do Avô Inverno, havia neve fofa, em vez de colchão. Estava muito frio, mas não havia nada a fazer.

A menina Habilidade começou a amaciar a neve para que o velhinho dormisse confortavelmente, mas as mãos da pobrezinha congelavam e os dedos ficavam brancos como os das pessoas pobres que, no Inverno, lavam roupa branca na água gelada: faz muito frio, o vento corta o rosto, a roupa gela e endurecem, mas nada a fazer, os pobres têm de trabalhar.

— Não faz mal — disse o Avô Inverno —, esfrega os dedos com neve, não acontecerá nada. Sou um velho bondoso, olha que maravilhas tenho em casa.

Neste instante, o velho levantou o cobertor e o colchão de neve e a menina Habilidade viu que, sob o colchão, crescia erva verdinha. A menina teve pena da pobre erva.

— Dizes tu — observou ela — que és um velho bondoso, mas por que tens a erva verde coberta com o colchão de neve, por que não a deixas crescer?

— Não a deixo crescer porque ainda não chegou a sua hora, a erva ainda não tem força. Os camponeses a semearam no Outono, mas se ela furasse a terra agora e, se tivesse crescido muito, o Inverno a queimaria, e ela não chegaria ao Verão. Foi por

¹ Tradução adaptada do original russo *Moroz Ivanovitch (O Avô Inverno Ivanovitch)*, conto de Vladimir F. Odoievski (Moscou-1799, São Petersburgo-1837) - conhecido escritor russo do século passado um dos primeiros a escrever para crianças. Texto extraído do livro *Contos de Escritores Russos*, Moscú, Ed. Pravda, 1985, pág. 180-188.

² Tanira Castro - professor adjunto, chefe do Setor de Russo, Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.º 8, p. 1-44, out-dez, 1999.

³ *Ded Moroz*, em português *O Avô Inverno*, que significa, no ocidente, *Papai Noel*.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.º 8, p. 1-44, out-dez, 1999.

isso que cobri toda a erva nova com o meu colchão de neve e que neste me deitei para que o vento não a arrastasse. Mas quando chegar a Primavera, o colchão de neve vai derreter-se, e aparecerão as espigas e depois os grãos, que o camponês colhe e leva para o moinho. O moleiro mói o grão, obtendo a farinha e tu, menina Habilidade, farás pão com essa farinha.

— Diz-me, Avô Inverno — perguntou a menina Habilidade —, porque vives no poço?

— Vivo no poço porque a Primavera está a chegar — disse o Avô Inverno —, e começo a ter calor. E tu sabes que, no Verão, no poço está frio, por isso a água do poço é fresca, mesmo nos dias mais quentes.

— Avô Inverno, por que é que no Inverno andas pelas ruas e bates às janelas?

— Bato às janelas — respondeu o Avô Inverno — para que as pessoas não se esqueçam de acender o forno e de tapar a chaminé a tempo. Sei que há pessoas descuidadas que aquecem o forno, mas se esquecem; de tapar a chaminé ou não o fazem a tempo, quando há brasas, e a casa enche-se de fumo e as pessoas ficam com dores de cabeça e os olhos a arder, até podem morrer sufocadas. É por isso que bato às janelas, para que ninguém se esqueça de que há pessoas que têm frio no Inverno, que não têm roupas quentes, nem sequer dinheiro para comprar lenha. Bato às janelas para lembrar que essas pessoas devem ser ajudadas.

Aquí, o bom Avô Inverno afagou a cabeça da menina Habilidade e deitou-se para dormir na cama de neve.

Enquanto o Avô Inverno dormia, a menina Habilidade limpou a casa, fez o almoço e remendou a roupa do bom velhinho.

Quando o Avô Inverno acordou, ficou muito contente com tudo e agradeceu à menina Habilidade. Depois, sentaram-se ambos à mesa para almoçar, a comida estava uma delícia, principalmente o sorvete, preparado pelo próprio Avô Inverno.

Assim viveu a menina Habilidade três dias na casa do Avô Inverno.

No terceiro dia, o Avô Inverno disse à menina Habilidade:

— Obrigado, és uma menina muito inteligente, deste a mim, um velho, uma grande alegria, e quero recompensar-te. Como sabes, quem trabalha deve ser pago. Aquí tens o teu balde, onde encontrarás um punhado de moedas de prata; além disso, ofereço-te, como recordação, este brilhante para prenderes o lenço

A menina Habilidade agradeceu, prendeu o brilhante no seu lenço, pegou o balde encaminhou-se para o poço, agarrou-se à corda e subiu.

Quando estava já perto de casa, o galo, a quem ela dava sempre de comer, ficou muito contente por vê-la; subiu para o muro e cantou:

— Có-có-ró-có! A menina Habilidade tem um balde com moedas de prata!

Quando a menina Habilidade chegou em casa e contou tudo o que lhe tinha acontecido, a ama ficou muito surpreendida e proferiu:

— Estás vendo, Preguiçosa, como as pessoas são recompensadas pelo seu trabalho! Vai tu, também, à casa do velho, trabalha para ele: arruma-lhe a casa, faz-lhe

a comida, remenda-lhe a roupa, e ganharás dinheiro, que muita falta faz para as festas de Ano Novo.

A Preguiçosa não tinha vontade nenhuma de ir trabalhar para o velho, mas queria ter também dinheiro e um alfinete de brilhante.

Seguindo o exemplo da menina Habilidade, a Preguiçosa foi ao poço, agarrou-se à corda e atirou-se ao fundo. De súbito, viu um forno com um bolinho muito dourado e tostadinho. Este olhou para ela e disse:

— Estou pronto, dourado, cheio de açúcar e passas. Quem me tirar do forno, irá comigo!

A Preguiçosa respondeu-lhe:

— Não querias mais nada? Não penso cansar-me. Ora! Agora ter de pegar a pá e de chegar-me ao forno! Se queres sair daí, sai, é tudo contigo.

Continuou a andar, e chegou a um jardim onde viu uma macieira com maçãs douradas maçãs que mexiam as folhas e diziam entre si:

— Somos maçãs suculentas, maduras. A raiz da macieira bebe água pura, quem abanar a macieira, pode levar-nos.

— Não quereis mais nada? — respondeu a Preguiçosa. — Não tenho vontade de me cansar, de levantar os braços e abanar os galhos... Apanho-vos quando caíres!

E a Preguiçosa não lhes ligou mais. Por fim, chegou à casa do Avô Inverno. O bom velhinho lá estava sentado no banco de gelo a comer bolinhos de neve.

— Que queres menina? — perguntou.

— Vim a tua casa para te servir e receber dinheiro pelo meu trabalho — respondeu a Preguiçosa.

— Disseste bem — concordou o velho —, o trabalho deve ser pago, mas primeiro quero ver como trabalhas. Vai bater o meu colchão de neve, depois faz o almoço e conserta-me a roupa.

A Preguiçosa começou a pensar pelo caminho: "Só faltava esta — cansar-me e congelar as mãos! Talvez o velho não note nada e adormeça no colchão assim como está."

Na realidade, o velho não notou ou fingiu que não notou, pois deitou-se e adormeceu. A Preguiçosa dirigiu-se à cozinha, mas não sabia fazer nada. Gostava muito de comer, mas não imaginava sequer como se cozinhava e nunca lhe dera para aprender a cozinhar. Viu a sua frente legumes, carne, peixe, vinagre e mostarda, tudo aos montes. Pensou, pensou, lavou alguns legumes, cortou a carne, o peixe, e para não se cansar muito, colocou tudo de qualquer maneira numa panela: os legumes, a carne, o peixe, a mostarda e até o vinagre. E pôs-se a pensar para consigo:

"Ora, valerá realmente a pena cozer tudo separadamente? No estômago mistura-se tudo."

O velho acordou e pediu o almoço. A Preguiçosa foi buscar a panela e colocou-a na mesa, que nem uma toalha tinha a cobri-la.

O Avô Inverno provou a comida e fez uma careta: ouvia-se como os seus dentes roíam grãos de areia.

— Cozinhas bem — observou, com um sorriso nos lábios. — Vejamos como te portas nos outros trabalhos.

A Preguiçosa também quis provar a comida, mas cuspiu imediatamente. O velho resmungou, mas depois fez um almoço tão gostoso, que a Preguiçosa até lambeu os beiços.

Depois do almoço, o velho, após lembrar à Preguiçosa que devia consertar a roupa, deitou-se de novo a descansar.

A Preguiçosa fez uma cara de desagrado, mas não tinha outra saída: tinha de começar a consertar a roupa. Contudo, aconteceu uma desgraça: nunca tinha perguntado como isso se fazia nem nunca tinha aprendido. Pegou numa agulha, picou-se e logo desistiu. O velho fez mais uma vez de conta que não tinha dado por nada, convidou a Preguiçosa para o jantar e deitou-a a dormir.

A Preguiçosa, encantada, pensou:

" — Pode ser que tudo corra bem. A minha irmã trabalha por gosto; o velho é bondoso e, se eu tiver sorte, também me oferecerá qualquer coisa."

No terceiro dia, a Preguiçosa foi ter com o Avô Inverno e pediu-lhe que a deixasse ir para casa e a recompensasse.

— Mas que fizeste tu? Onde está o teu trabalho? — perguntou-lhe o velho. — Se fizermos bem as contas, tu é que me deves pagar, porque fui eu que trabalhei para ti e não tu para mim.

— Como é isso? — exclamou a Preguiçosa. — Vivi três dias em tua casa.

— Sabes, menina — respondeu o velho —, quero dizer-te uma coisa: há uma diferença entre viver em casa de alguém e trabalhar em casa de alguém; lembra-te bem disso, pois vai fazer-te falta no futuro. A propósito, se não te pesa a consciência, eu recompenso-te: vou pagar-te pelo teu trabalho.

Dizendo isto, o Avô Inverno deu à Preguiçosa uma enorme barra de prata e um brilhante gigantesco.

A Preguiçosa ficou tão contente que pegou em ambas as coisas e, sem sequer agradecer ao velho, correu para casa.

Quando chegou em casa, começou a gabar-se.

— Olhem o que ganhei! Não sou como a minha irmã, que recebeu um punhado de tostões e um pequeno brilhante, a mim tocou uma barra de prata; olhai que pesada, e um brilhante quase do tamanho de um punho... Já posso comprar roupa nova para as festas de Ano Novo.

Mas não teve tempo de acabar de falar - a barra de prata derreteu-se e espalhou-se pelo chão. Não passava de mercúrio congelado pelo frio; nesse instante, o brilhante também começou a fundir-se. O galo saltou para o muro e gritou bem alto:

— Có-có-có-ró-có! A Preguiçosa ficou apenas com um bloco de gelo na mão!

E assim, pensem e observem o que nesta história é verdade e o que é mentira, quais as idéias corretas e as erradas, enfim, qual a moral da história.

Voam as aves de arribação¹

Autor - M. Isakovskii.

Tradução de Ronaldo Soares dos Reis²

Revisão de Tanira Castro

Voam as aves de arribação
Nas lonjuras outonais celestes.
Voam para os países tropicais,
Enquanto eu permaneço contigo.
Enquanto eu permaneço contigo,
Meu país natal para sempre!
Não me fazem falta as margens turcas,
E a África, também, não me faz falta.

Não foram poucos os países que conheci,
Quando caminhava com o fuzil na mão.
E não era mais amarga a minha tristeza,
Do que viver longe de ti.
Não foram poucas as vezes que pensei e cismei
Com os amigos nas longínquas fronteiras.
E não era maior o dever,
Do que cumprir a tua vontade.

Não importava que eu afundasse nos pântanos,
Não importava que eu congelasse no gelo,
Mas se tu me disseres uma palavra,
Eu realizaria tudo de novo.
Os meus desejos e esperanças
Eu amarrei para sempre a ti -
A tua severidade e clareza,
A tua sorte invejada.

Voam as aves de arribação
Que partiram em busca do verão.
Voam para os países quentes,

¹ Canção popular russa: letra de M. Isakovskii e música de M. Blanter, extraída do *Breve Manual de Língua Russa*, Nina Potapova, pág. 300-301. Trabalho individual apresentado para avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Acadêmico em Matemática do Instituto de Matemática - UFRGS

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº8, p. 1-44, out-dez, 1999.